



Ave Maria, cheia de desgraça... Notas sobre o rechaço ao Monumento a Nossa Senhora de Caravaggio em Farroupilha-RS

Clóvis Da Rolt¹

cdarolt@hotmail.com

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Resumo: Esta comunicação apresenta a síntese de um trabalho em andamento, o qual se direciona ao debate em torno da rejeição popular sofrida pelo Monumento a Nossa Senhora de Caravaggio, na cidade de Farroupilha-RS. Apresento aqui os elementos gerais da problemática em estudo e busco traçar um panorama sobre o caminho percorrido na construção do trabalho em curso. Um olhar sobre as noções de espaço público e imaginário religioso, ambos matizados por uma reflexão estética adjacente, visa a dar uma contribuição para o entendimento das causas da rejeição ao monumento e para a ampliação do debate acerca de suas reverberações.

Palavras-chave: Espaço público; imaginário religioso; beleza.

Um itinerário: a instauração do problema

Na cidade gaúcha de Farroupilha, lideranças políticas, devotos e circunvizinhos que se reuniam ao redor do monumento a Nossa Senhora de Caravaggio no ato da sua inauguração, em 28/03/2008, não poderiam imaginar que o momento festivo tornar-se-ia o estopim de um acalorado debate de natureza estética.

O monumento a Nossa Senhora de Caravaggio é resultado de uma emenda parlamentar do deputado estadual Francisco Appio (PP), em parceria com a prefeitura municipal de Farroupilha, cidade localizada na região serrana do estado do Rio Grande do Sul, que acolheu a devoção a Nossa Senhora de Caravaggio como parte do processo cultural oriundo da imigração italiana na região. Os recursos para sua construção do monumento, advindos do Ministério do Turismo e liberados em 29/10/2007, somaram R\$ 126.750,00 com contrapartida de R\$ 33.727,64.² Trata-se de um conjunto escultórico (Figura 1) composto de duas figuras que representam Nossa Senhora de Caravaggio, um dos títulos devocionais da Virgem Maria no interior do imaginário religioso católico, e Joaneta Varolli, a camponesa italiana que teria

¹ Licenciado em Artes Plásticas (UCS), Especialista em Filosofia (UCS), Mestre e Doutor em Ciências Sociais (Unisinos). Docente da Universidade Federal do Pampa.

² Informações sobre o investimento público no Monumento estão disponíveis no site do Portal da Transparência. Acesso em 03/02/14.



presenciado uma aparição da Virgem na cidade italiana de Caravaggio, em 1432, a mesma cidade que gestou o talento de Michelangelo Merisi, célebre pintor barroco conhecido apenas como Caravaggio.

O embate de ideias e opiniões em torno do monumento começou logo após sua fixação. Avolumaram-se críticas à qualidade técnica do trabalho, à suposta falta de talento artístico de seu executor, à falta de fidelidade das figuras apresentadas em relação à estátua (em escala menor) que fica no Santuário e, sobretudo, à representação do rosto da figura de Nossa Senhora de Caravaggio (Figura 2), o qual continuou sofrendo críticas mesmo após uma tentativa de melhoria (Figura 3). Uma discussão pública sobre a suposta feiura do monumento começou a ser instaurada por veículos de mídia locais, televisão, jornais, rádios e blogs, os quais constituíram uma importante fonte de dados para construção do trabalho em andamento.

O imbróglio que envolve o monumento a Nossa Senhora de Caravaggio não configura um caso isolado, tampouco se reveste de uma mistificação incapaz de ser compreendida com um pouco de reflexão. Deste modo, creio que o primeiro aspecto a se ter em conta em relação à rejeição popular sofrida pelo monumento, diz respeito à noção de espaço público. O segundo aspecto refere-se à constituição de um imaginário religioso e ao “enquadramento” imagético do qual este imaginário depende para garantir unidade e sobrevivência. Dentro deste contexto de análise, ambos os aspectos ainda precisam ser confrontados com uma reflexão estética, vinculada ao manejo social de uma determinada concepção de beleza. É de tais questões que tratam os dois principais eixos teóricos do trabalho em curso, sinteticamente apresentados a seguir.

Monumentos e espaço público: tensões de uma convivência difícil

O primeiro aspecto a ser levado em consideração para se compreender o rechaço ao monumento a Nossa Senhora de Carravaggio tem uma relação direta com a noção de espaço público. Definir em profundidade as bases conceituais do que se pode entender por “espaço público” não é a intenção principal do trabalho em andamento. Assimilo a noção geral de que o espaço público é conflitivo, posto que construído mediante dinâmicas que atravessam o indivíduo e matizam de forma



profunda sua inserção na sociedade, desde um ponto de vista político, moral, estético, dentre outros. O espaço público – fórum de práticas que oscilam entre a alteridade, o confronto e a violência – é simultaneamente uma arena de conjunções e reflexividades, por isso mesmo seu estatuto é de difícil apreensão. Nesse sentido, autores como Martins (2005), Castoriadis (1982) e White (2009), são acionados para a construção de uma compreensão do espaço público entrelaçada ao campo simbólico.

Observando as intenções que eu havia delimitado para a elaboração do trabalho, não aprofundo uma discussão pormenorizada de cunho conceitual e tipológico acerca do que pode ser definido como um monumento, embora eu entenda que essa discussão seria pertinente se minhas intenções fossem outras. Reconheço que a discussão é ampla, envolve pensadores de diversos campos e tendências, e permite desde abordagens mais fechadas, até outras mais flexíveis, como as que aceitam a possibilidade de se definir a personagem Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, como um monumento literário e cultural espanhol. No momento em que escrevo o trabalho, penso numa abordagem mais concreta para o sentido que estou conferindo à palavra monumento: esculturas ou estátuas de figuras históricas, obras de arte, imagens religiosas, alegorias, obeliscos e memoriais instalados em áreas públicas. Com um pouco mais de especificidade, este é o mesmo sentido adotado por Corrêa (2005, s/p) no âmbito da geografia cultural, a partir de um enfoque que entende os monumentos como construções dotadas de reivindicações políticas, significados múltiplos e capacidade comunicativa “associada a temas como poder, identidade e conflitos gerados por ambos.”

Recorrer à noção de espaço público pode ser uma via interessante para o entendimento dos motivos da querela. Com isso, quero dizer que há um jogo que se dá, no âmbito da vida em sociedade, entre a dimensão privada e a dimensão pública das experiências humanas. A cantilena envolvendo o monumento a Nossa Senhora de Caravaggio lançou para o espaço público a definição de certos critérios que, desde o ponto de vista de um espaço privado, não precisam de discussão. Eis que surgem, então, as indagações: a imagem é bela ou feia? A imagem atende aos critérios do imaginário religioso? Que poder é esse que tem o espaço público de motivar dúvidas,



embates e relativizações? Este enredo de indagações tem como base uma proclamação aberta de juízos estéticos, ou seja, representa um exercício de julgamento coletivo que confronta as diversas opiniões sobre algo que, no âmbito de um espaço público, não oferece um modelo natural e universalmente válido. É preciso, então, chegar a um acordo que seja adequado e conveniente ao maior número possível de pessoas.

Como forma de mostrar que a situação que envolve o monumento a Nossa Senhora de Caravaggio não é nova, ao longo do trabalho, apresento algumas imagens de outros monumentos espalhados pelo mundo, que motivaram disputas, contestações ou vandalismo. É o caso dos Budas gigantes da cidade de Bamiyan, no Afeganistão, destruídos em 2001; da estátua de Saddam Hussein, derrubada pelas tropas americanas que invadiram a capital do Iraque, Bagdá, em 2003; da estátua de Cristóvão Colombo, retirada das cercanias da Casa Rosada, na capital argentina, em 2013, e do monumento aos Dez Mandamentos, instalado em 2014, na cidade de Oklahoma, nos Estados Unidos.

A problemática vivida em torno da rejeição ao monumento a Nossa Senhora de Caravaggio, pode ser melhor compreendida se matizada por elementos oriundos de uma reflexão sobre o espaço público. É no bojo das relações vividas neste espaço conflitivo e polimorfo que a rejeição ao monumento encontra um possível esclarecimento. Certamente, seu estatuto público e sua condição de texto aberto ao escrutínio de opiniões e juízos coletivos, redesenham a própria função da imagem em comparação com uma esfera privada.

Religião e imaginário: o poder da imagem como mediação

O segundo movimento a se fazer para compreender a dinâmica que causou a rejeição ao monumento a Nossa Senhora de Caravaggio está vinculado à constituição de um imaginário religioso. No âmbito que interessa à construção do trabalho, este imaginário estrutura-se a partir das diretrizes do catolicismo e do conjunto imagético milenar de que esta religião dispõe para operar mediações simbólicas junto a seus adeptos. É próprio do imaginário religioso criar nos fiéis um sentido de previsibilidade e adequação, pois a unidade imagética garante um horizonte coeso que funde a



prática religiosa propriamente dita às suas nuances mais abstratas. Nesse sentido, autores como Castoriadis (1982), Durkheim (1978), Caillois (1982) e Schmitt (2007) contribuíram para a construção teórica deste eixo de análise.

As religiões administram um processo de doutrinação de seus fiéis em relação a um complexo conjunto de manifestações do sagrado que elas captam como o “autêntico sagrado”, aquele que dever ser perpetuado. Este processo envolve uma simbiose entre as imagens mentais e, no caso da religião católica, as imagens plástico-visuais³ (a representação de Nossa Senhora de Caravaggio, por exemplo), que operam como formas de discurso juntamente como o texto escrito, a oração verbalizada, os rituais e os cânticos celebrativos. Este conjunto imaginário não atua apenas dentro da esfera religiosa, como também fora dela, já que a compreensão que esboçamos sobre a realidade é dada pelo jogo constante da linguagem humana que produz imagens e imaginários dotados de uma reserva de sentidos dos quais nos apropriamos como uma forma de orientação diante da vida. Isso é relevante do ponto de vista do que sugere Belting (2006, p. 28) ao dizer que “a imagem e o signo ou a palavra continuam sendo as pedras angulares de tudo o que queremos entender no mundo.”

Assim, as religiões que fazem uso de imagens plástico-visuais para expressar o dinamismo que elas creem existir entre o mundo humano e o mundo divino, são hábeis em promover leituras orientadas sobre a percepção visual dos fiéis, com vistas à eficácia religiosa. No que tange à imagem de Nossa Senhora de Caravaggio, parece haver uma relação direta entre a representação da Virgem e o preparo necessário que o fiel precisa ter para reconhecê-la e enquadrá-la no âmbito do imaginário religioso e das referências simbólicas que este imaginário ajuda a construir e a manter. Dito de outro modo, é como se cada fiel católico fosse o portador de um museu mental povoado por imagens prototípicas, às quais a tradição religiosa confere eficiência simbólica, inclusive determinando o que é belo e o que é feio do ponto de vista da representação.

³ Utilizo a expressão “imagens plástico-visuais” para referir-me às representações técnicas executadas em diferentes suportes materiais ou disseminadas por diferentes dispositivos tecnológicos, as quais tendem a perscrutar a essência das divindades religiosas com o intuito de criar um canal relacional entre os cultuadores e os entes cultuados.



O Papa João Paulo II (1999, p.09) escreve que, para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade da arte. Segundo ele, “a arte deve tornar perceptível e até o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus. Por isso, tem de transpor para fórmulas significativas aquilo que, em si mesmo, é inefável. Ora, a arte possui uma capacidade muito própria de captar os diversos aspectos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem os vê e ouve. E isto, sem privar a própria mensagem do seu valor transcendente e do seu halo de mistério.” Resta saber se esta necessidade não está passando por um momento crítico, de grandes rupturas tanto no âmbito da Igreja Católica quanto da arte. Ao sugerir que a arte também necessita da Igreja, já que, assim como ocorre com a religião, o artista procura sempre o sentido mais íntimo das coisas, João Paulo II escreve que inúmeros artistas encontraram nos mistérios das mensagens religiosas um terreno profícuo para o exercício da imaginação, através de temas inspiradores. Esta aproximação, por certo, rende profundas reflexões e indagações, algumas já posicionadas no debate acadêmico, outras ainda por vir.

Para finalizar

Há muito para se aprender com este enredo de tensões e debates, que já se arrasta há cerca de seis anos em torno do monumento a Nossa Senhora de Caravaggio. O levante gerado contra ele pode ser bastante revelador para os que estiverem suficientemente dispostos a rever suas posições sobre a diversidade de elementos e argumentos que entram neste percurso de negação, em relação ao qual, proponho-me a contribuir na busca de um entendimento. Seja qual for o rumo que a situação tomar daqui para frente – haja vista que um novo monumento está sendo construído –, não se pode apagar, de uma hora para outra, seis anos de um mal-estar público que vem reverberando de formas variadas e que constitui um dos incidentes mais inusitados dos últimos tempos na serra gaúcha, esse lugar tão misterioso quanto a própria fé.



Figura 1 – Monumento a Nossa Senhora de Caravaggio, como se encontra atualmente, em Farroupilha-RS.



Figura 2 – Imagem de Nossa Senhora de Caravaggio antes da reconfiguração do rosto.



Figura 3 – Imagem de Nossa Senhora de Caravaggio após a reconfiguração do rosto.



Referências

BELTING, Hans. A imagem autêntica. *Revista Humboldt*, nº 92, 2006. Goethe-Institut. Bonn, 2006.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos, política e espaço. *Revista Scripta Nova*. Universidad de Barcelona. Volume IX, nº 183. Barcelona, 2005.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

JOÃO PAULO II. *Carta do Papa João Paulo II aos artistas*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 29/08/2014

MARTINS, Moisés de Lemos. Espaço público e vida privada. *Revista Filosófica de Coimbra*, n.º 27, 2005. Coimbra, 2005.

BRASIL. *Portal da Transparência*. Disponível em: <<http://www.portaldatransparencia.gov.br>>. Acesso em: 29/08/2014.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens*. Ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: Edusc, 2007.

WHITE, Leslie. *O conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.